

TURISMO E IDENTIDADE DO LUGAR: A PRODUÇÃO DE ARTESANATO DE RENDA EM NATAL – RN

Maria Helena Lima de Souza¹

Graduanda em Geografia Bacharelado

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

maria.souza.105@ufrn.edu.br

Gabryel Freire de França²

Graduando em Geografia Licenciatura

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

gabryel.freire.129@ufrn.edu.br

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar a relação entre a expansão do turismo e a promoção do artesanato de renda, observando se a atividade turística contribuiu para o fortalecimento e disseminação da sua produção em Natal/RN. A coleta de dados qualitativos ocorreu através de entrevistas realizadas com as Associações de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, em Natal e de Alcaçuz, no município de Nísia Floresta, e com os organizadores dos Centros de Artesanatos de Natal. Os resultados revelaram que o turismo não tem contribuído significativamente para a expansão desse ofício, de modo que a produção de renda se insere nessa atividade de forma marginal e restrita.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade turística; Rendeiras; Lugar; Natal/RN.

Identificação do GT

GT 03: Espaço, Cultura e Tradição

1 INTRODUÇÃO

O principal objeto de consumo do turismo é o espaço, conforme afirma Fonseca (2005). Logo, é através do espaço geográfico que as atividades ligadas ao ócio e ao turismo se desenvolvem, através da busca por ressaltar atributos peculiares da localidade, sejam naturais ou culturais, bem como de paisagens excepcionais e/ou de rara beleza, sendo capazes de promover o crescimento econômico de um lugar, mas também evidenciar as contradições postas no espaço.

Para o turismo se desenvolver no espaço é necessário que haja elementos de diferenciação, um deles está relacionado à dimensão cultural, onde se destaca o artesanato, no qual constitui como uma das manifestações de identidade do lugar. Logo, é correto afirmar que o lugar está inserido no espaço, constituído por um conjunto de estruturas e processos, o que Santos (2006) chamou de tecnoesfera, ou seja, todos os aspectos materiais ali presentes, bem como a psicoesfera, o conjunto de ideias, mas também sensações, crenças e paixões, isto é, todo o campo subjetivo que o ser humano é capaz de obter.

Segundo o Conselho Mundial do Artesanato, a atividade artesanal é concebida como toda produção que gere objetos ou artefatos elaborados de forma manual, a partir de técnicas tradicionais ou rudimentares que exijam habilidade, destreza e inventividade. (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010). Nesse sentido, o artesanato posiciona-se não apenas como uma tarefa rudimentar, mas uma expressão significativa que contrasta perante uma sociedade que caminha para uma intensa uniformização de produtos em escala global, impulsionados pelo processo de globalização e desconhecimento da população sobre a cultura local, além de ser um estimulante para o crescimento de outra atividade econômica, neste caso o turismo.

A produção de renda, por sua vez, é uma das manifestações de artesanato mais antigas, decorrente da colonização portuguesa no Brasil. Destacou-se na região Nordeste, onde concentra os principais centros produtores do país (BRUSSI, 2012). No Rio Grande do Norte, não é diferente, o entrelaçar de fios ganha forma pelas mãos das rendeiras presentes, sobretudo, no litoral leste potiguar, especificamente, no principal polo turístico do estado, o Costa das Dunas. Além disso, a atividade de renda se constituiu como uma importante ferramenta para identidade cultural, por ser uma tradição secular passada de geração em geração, que possui características e desenhos únicos de cada rendeira evidenciando a singularidade do lugar.

A renda de bilro, analisada com mais detalhe nesta pesquisa, possui como estrutura e ferramentas a almofada, com enchimento de folha de bananeira seca, o cavalete, a linha de algodão, os alfinetes, os palitos conhecidos como “encosto”, os bilros feitos de madeira e o designer, isto é, o molde com o desenho no qual as rendeiras irão se basear para produzir cada peça, como mostra a figura 1.

Figura 1: Renda de bilro por Dona Josefa



Fonte: Registro Pessoal, 2024.

Formalizada em 2019, a Associação de Rendeiras da Vila existe desde a década de 90 no bairro de Ponta Negra e surge como um grupo de mulheres rendeiras que se reuniam durante a tarde para socializar e executar a renda de bilros, de modo que a identidade daquele local se molda diante da nova configuração e o que antes era apenas a entrada da casa da Vó Maria transforma-se em um verdadeiro local de troca de conhecimento e experiências, onde o cerne dessa história é manter viva a tradição carregada ao longo de gerações.

Assim, o objetivo central do estudo busca analisar a relação entre a expansão do turismo e a promoção do artesanato de renda, observando se o turismo contribuiu para o fortalecimento e disseminação da sua produção em Natal/RN. Para auxiliar na condução da pesquisa foram definidos alguns objetivos específicos: 1. Identificar como a produção de renda se insere no turismo no município de Natal; 2. Analisar a relação entre a expansão do turismo e a difusão dos centros de comercialização do artesanato, ressaltando a renda de bilro; 3. Compreender o papel das rendeiras na comercialização do seu produto no contexto do turismo local, observando sua autonomia na venda de seu produto.

A justificativa para escolha do tema está na relevância do assunto para cidade que baseia sua economia, entre outras atividades, no turismo, sendo por essência uma das atividades mais significativas para geração de renda e trabalho no estado. Depois de quatro décadas de

implantação e expansão do turismo, é necessário avaliar se esta atividade traz contribuições significativas para o reconhecimento e valorização do artesanato de renda potiguar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O recorte espacial foi o município de Natal por ser o principal centro turístico do RN e, consequentemente, concentrar os equipamentos de comercialização do artesanato local, neste caso em específico, os centros de artesanato localizados nas principais vias e pontos turísticos da cidade, além da associação de rendeiras em atividade e mais antiga do estado potiguar pertencente a Natal: as rendeiras da Vila de Ponta Negra.

O recorte temporal considerou desde o período de 1980 até 2025, tendo em vista que foram durante os anos de 1980 e 1990 as décadas de maior frenesi do turismo em Natal, com uma grande quantidade de investimentos públicos e privados na atividade, como bem pontua Costa e Fonseca (2022, pág. 119) “desde os anos 1980, quando o governo passou a investir maciçamente no turismo em Natal, os meios de hospedagem, fixos imprescindíveis ao turismo, instalaram-se de maneira seletiva na capital potiguar” bem como a implantação de espaços destinados a comercialização de artesanato a fim de atender a nova demanda que se estabelecia em Natal.

A pesquisa de campo estendeu-se para as Associações de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, em Natal e para os Centros de Artesanatos, no qual os pontos chaves das entrevistas era compreender: a história das rendeiras e dos centros, como surgiram e se inseriram na realidade do lugar turístico de Natal, identificar a origem dos produtos comercializados nos centros e se existia alguma relação/vínculo com as rendeiras do estado.

3 O TECER DOS FIOS: A INSERÇÃO DAS RENDEIRAS NO ARTESANATO POTIGUAR

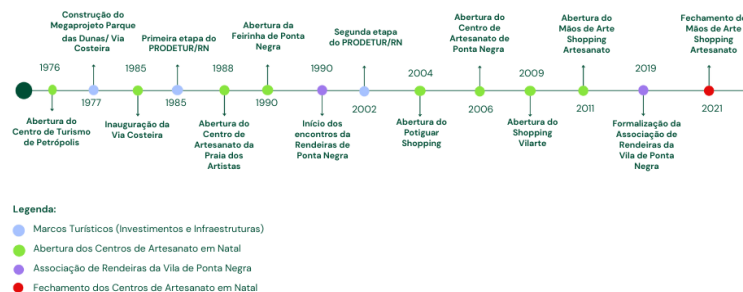
O turismo contemporâneo adquire a configuração atual após processos determinantes para sociedade pós a segunda guerra, dentre os quais é possível destacar: o processo de industrialização e urbanização das cidades, o desenvolvimento dos meios de transporte, investimento em infraestrutura e novas regras trabalhistas que consolidaram o descanso para os funcionários dentro da semana, como os períodos de férias. (SILVA, 2004)

De acordo com Fonseca (2005, p. 31), “o espaço é naturalmente diferenciado” pois ao passo que ele é condicionante, ele também é condicionado pelos processos e contradições sociais que ali se expressam. (CRUZ, 2000). Contudo, a busca por lugares diferenciados se torna mais intensa com a globalização, que impulsiona a competitividade entre empresas e cidades em busca de possuírem os melhores atrativos turísticos com a finalidade de obterem investimentos. (FONSECA, 2005)

A atividade turística se estabelece no espaço geográfico a partir de um desenvolvimento desigual, isto é, ao passo que localidades assumem destaque no território, outras continuam paralisadas na nova configuração espacial. Notadamente, quando o turismo ganha pujança no espaço, o território brasileiro já encontra-se profundamente marcado por um desenvolvimento que ocorreu de forma desigual e desordenado, como aponta Cruz (2018). Assim, o turismo consolida-se nesta configuração espacial como um potencializador que vem reforçar as assimetrias espaciais.

Na linha do tempo abaixo, é possível observar as transformações que ocorreram no espaço de Natal durante as últimas quatro décadas, mas sobretudo como os investimentos governamentais e privados mesclam-se com a fundação dos centros de artesanato. Segundo Furtado (2007, p. 51) o ponto inicial do turismo é a construção e inauguração do projeto Parque das Dunas/Via Costeira, considerado como “ponto inicial da atividade turística” em Natal, por ser o “principal espaço turistificado da cidade”, responsável por trazer equipamentos turísticos, infraestrutura e contingente de turistas.

Figura 2: Linha do tempo dos marcos turísticos e artesanais de Natal.



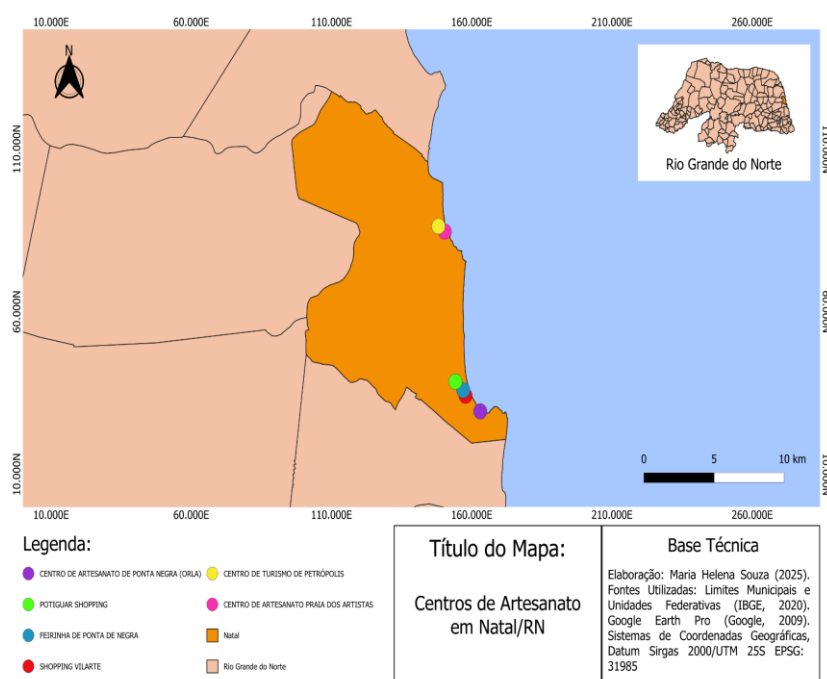
Fonte: Autoria própria, 2025

A primeira etapa do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte (PRODETUR/RN I) no qual consistia, sobretudo, em investimentos para obras de infraestrutura

do estado. No ano de 2002, conclui-se a primeira etapa do PRODETUR/RN e inicia-se a segunda etapa do programa, no qual voltava os investimentos para limitações que o segmento apresentava, especialmente, na qualificação profissional (FONSECA, 2007).

Nas figuras 3, o mapa ilustra a localização dos centros de artesanato na cidade, sendo dois localizados na zona administrativa leste, os Centros de Turismo de Petrópolis e Centro de Artesanato da Praia dos Artistas, construídos no antigo polo turístico de Natal, os demais centros concentram-se na zona administrativa sul, especificamente, no bairro de Ponta Negra, são eles a Feirinha de Ponta Negra, o Potiguar Shopping, o Shopping Vilarte e o Centro de Artesanato de Ponta Negra

Figura 3: Mapa de localização dos centros de artesanatos de Natal



Fonte: IBGE, 2020

O perfil do turista traçado no quadro 1 apresenta a faixa etária de 45 a 65 anos, assim como as regiões de origem, em sua maioria da região sudeste, vale ressaltar que a terceira resposta mais recorrente para pergunta “Quais locais visitou ou deseja visitar?” é o artesanato, o que evidencia o interesse e curiosidade por parte dos visitantes em conhecer mais sobre o artesanato local.

Quadro 1: Perfil dos Turistas de Natal

Informações levantadas	Respostas dos turistas
Faixa Etária	Entre 45 a 65 anos
Região de origem	Sudeste, seguido de Nordeste, Centro-Oeste, Sul, Norte e estrangeiros.
Cidade de origem	São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte
Quais locais visitou ou deseja visitar	Praias, Restaurantes e Artesanatos

Fonte: SIRIO, 2025

Todavia, ao observar as lojas no geral são poucas as lojas, em todos os centros visitados durante a pesquisa, que realizam a venda exclusiva de renda, sobretudo, se comparado com outros segmentos como moda praia e *souvenir*, ainda sim é possível verificar uma certa constância de no mínimo duas lojas que possuam majoritariamente produtos voltados para renda, como mostra o quadro 2:

Quadro 2: Quantidade de lojas que comercializam majoritariamente renda

Centros de Artesanato	Quantidade de lojas
Centro de Turismo de Petrópolis	02/38
Feirinha de Artesanato de Ponta Negra	03/34
Potiguar Shopping	02/30
Shopping Vilarte	03/63

Fonte: Entrevistas, 2024

Ao serem questionados os coordenadores dos centros de artesanato informaram que existe uma certa competitividade de preços, entre os artesanatos produzidos no RN comparado com outros estados, como Paraíba e Pernambuco, além disso frisaram a forte presença de produtos industrializados no centro, alguns advindos de países como China e Índia, um dos sintomas da globalização como perversidade é a busca pela homogeneização dos espaços, um desses reflexos é através da cultura, onde a cultura de massa impõe-se sobre a cultura popular. (SANTOS, 2000)

Quadro 3: Produtos mais vendidos nos Centros de Artesanato

Centros de Artesanato	Produtos mais vendidos
Centro de Turismo de Petrópolis	Bordados (caminho de mesa, cama, jogo americano, lençóis, toalhas e mantas) e redes
Feirinha de Artesanato de Ponta Negra	Bolsa de tecido e tear ¹ e saídas de praia
Potiguar Shopping	Itens de recordação
Shopping Vilarte	Produtos de materiais derivados da madeira (MDF)

Fonte: Pesquisa de campo, 2024.

Por sua vez, as rendeiras não possuem intermediários entre elas e o consumidor, ao mesmo tempo que há o desconhecimento sobre a existência da associação pelos turistas e moradores locais, o que contribui para marginalização das rendeiras que enfrentam a constante falta de penetração no mercado e no roteiro dos turistas.

As contradições do espaço estão postas, bem como os conflitos gerados em torno da problemática. Enquanto os centros de artesanato concentram mercadorias industrializadas, de moda praia ou brinquedos direcionados para o público infantil, as rendeiras, mesmo possuindo uma relação e um vínculo direto com o lugar, assumem um papel de subordinação imposta pela lógica de mercado atual.

De tal forma, que as feiras acabam sendo um local de resistência onde as rendeiras conseguem expor seus trabalhos de forma horizontalizada junto com outros artesanatos locais e conseguindo expandir sua comercialização para além de peças sob encomendas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa percebeu-se que apesar do artesanato de renda ser um dos mais tradicionais fazeres artesanais do estado, ser produzido no bairro mais turístico da cidade e manter uma associação ativa há cerca de seis anos, a atividade turística não reverberou satisfatoriamente para o seu desenvolvimento. Ao contrário, as rendeiras sentem o processo de

¹ Tear é o nome utilizado para artesanatos realizados em um aparelho, geralmente de madeira, feita para tecer fios, tecidos e tapeçaria.

marginalização cada vez mais forte com o passar dos anos, a falta de inserção nos centros de artesanato, principal equipamento de comercialização da cidade, é um dos aspectos que podem ser levantados, o que dificulta não apenas a venda das peças, como agrava o apagamento da cultura local.

Conclui-se que no mundo globalizado, as rendeiras lutam para manter viva esta tradição secular, que possui história, afeto, emoções e paixões carregadas de geração em geração para mulheres que resistem aos processos globalizantes cada vez mais perversos e excludentes no espaço urbano, processos nos quais afetam a cultura popular através da padronização e consumo de produtos exógenos ao lugar, responsáveis por falsear a realidade e a cultura local.

Dessa forma, a produção de renda se insere de forma tímida no espaço, não pela ausência de interesse das rendeiras, mas pela falta de penetração no lugar turístico, por não possuírem investimentos e divulgação necessária para expansão do conhecimento da atividade e da sua importância para identidade popular. Logo, constatou-se que a atividade turística mesmo com todos os processos que impulsionam a sua expansão em Natal, ao longo de quatro décadas, não foi capaz de contribuir para promoção do artesanato de renda, ou na construção de ações institucionais que possibilitem a inserção ativa das rendeiras no circuito turístico da cidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Downloads – **Geociências**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BRUSSI, Júlia Dias Escobar. Negócios & dádivas: relações de mercado em um contexto de reciprocidade. CAMPOS - **Revista de Antropologia Social**, v. 13, n. 2, jun. 2012. ISSN 1519-5538.

COSTA, Hugo Aureliano da; FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Turismo e interações espaciais no destino Natal/RN**. Para Onde!?, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 114–135, 2022. DOI: 10.22456/1982-0003.122030.

CRUZ, Rita de Cássia. **Políticas de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia. **Desenvolvimento desigual e turismo no Brasil**. Confins: Revista Franco-brasileira de Geografia, [S.l.], n. 36, jul. 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/13707>>. Acesso em: 1 jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.13707>.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal: EDUFRN, 2005.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. Tendências atuais do turismo potiguar: a internacionalização e a interiorização. In: FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; NUNES, Elias; CARVALHO, Edilson Alves de; FURTADO, Edna Maria (Orgs.). **Dinâmica e gestão do território potiguar**. Natal: EDUFRN, 2007. p. 215-231.

FURTADO, Edna Maria. O turismo na capital potiguar: visões sobre o espaço urbano de Natal/RN. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, ano 6, n. 11, p. 75–84, 2007.

MASCÊNE, Durcelice Cândida; TEDESCHI, Mauricio. **Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: SEBRAE, 2010. 64 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Maria da Glória. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

RIO GRANDE DO NORTE. Governo do Estado. **SÍRIO** – Sistema de Informações do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://sirio.rn.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2025.